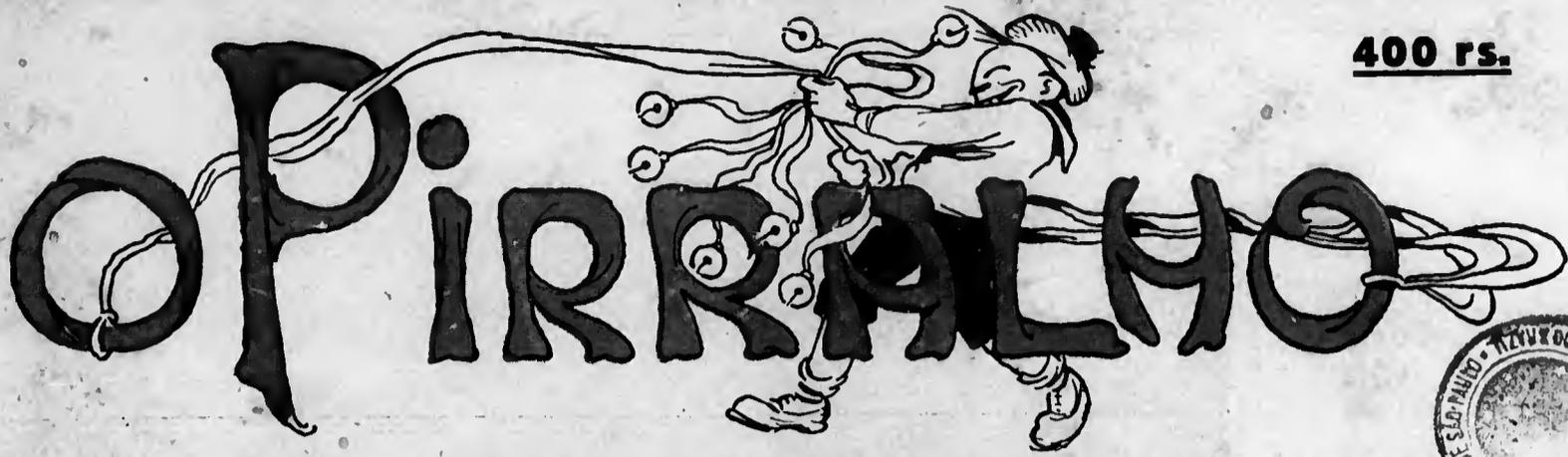


O PIRRALMO



400 rs.



O Capitão não vira casaca



Morra a OLIGARCHIA paulista



Ha certas coisas na vida
De que a gente não duvida,
Mas não se explica porquê:
Não ha rapaz que não fique,
Garboso, elegante, chic,
Num automovel Berliet!

Tambem — que cousa estupenda! —
Toda a familia encommenda
Um Renault para passear;
E' duma graça tão rara
Que toda a gente repara
Seu effeito singular!

E essas marcas tão queridas,
— Alem dos outros encantos —
São por bem pouco vendidas
Na casa **Antunes dos Santos.**

PEDIDOS:

CASA ANTUNES DOS SANTOS

RUA DIREITA, 41

S. Paulo, 27 de Junho de 1914

O PIRRALHO



Numero 148

Semanario Illustrado
de importancia:

:: :: :: evidente

Redacção:
RUA 15 DE NOVEMBRO, 50-B

Caixa do Correio 1026

Ruy Barbosa e o Marechal Hermes

Por mais que valha o marechal, mera creatura politica da phantazia de alguns espiritos, cuja arrependimento bem cedo veiu a chegar, por mais que valha o marechal Hermes, enquanto governa, daqui a cinco mezes não valerá cousa nenhuma...

Será o ultimo resto de um miserando naufragio, cujos destroços se reunirão nas praias para se enterrarem como cousa que a memoria humana deve entregar ao despreso e ao esquecimento.

(Discurso, 16-6-1914).

O governo actual não necessita de que contra elle conspirarem. Tem caído, está caindo e hade acabar de cair como todas as podridões caem neste mundo. E' um governo morto de nascença que tem vivido a morrer, e que desaparecerá pelo effeito das causas naturaes, sem necessidade absolutamente nenhuma, do esforço de quem quer que seja.

(Discurso, 17-6-1914).

São de Ruy Barbosa — o glorioso tribuno e eminente constitucionalista — as palavras acima.

Grande, cada vez mais agigantado se faz este velhinho prodigioso que tomou sobre os hombros a ardua missão de defender a Constituição Brasileira, escalpellando com mão de mestre o cadaver podre do governo actual.

Nada o demove dos seus intuitos, não ha força que o dissuada a abandonar a campanha que vem fazendo com uma vehemencia e com um brilho, sem exemplo nos annos do nosso parlamento. A ampla frente illuminada não se curva ante os insolentes detentores do poder. Nada o desvia da linha recta que traçou entre o Direito e a Justiça. Conserva com uma firmeza de moço a nobre vertical dos homens que cultuam a dignidade e o dever. Não conhece o temor, não conhece a fadiga e desanimo.

Da bocca desse velho augusto caem palayras vibrantes de vida e mocidade. Na tribuna que illustra e engrandece, já não fala para os seus pares, porque nelles vê apenas um rebanho submisso de escravos brancos.

Fala para a posteridade, para as gerações vindouras, para os homens livres, para os poucos enfim que ainda conservam o sentimento da honra e da patria. Prescinde das glorias do presente, convicto da obra reparadora do futuro. A guerra sem treguas que tem movido ao governo actual, vale por toda uma obra apostolica de moralisação republicana. A sua palavra flammante é um ferro em brasa na podridão da politicagem demolidora.

Diante deste vulto soberbo a que fica reduzida a figura do marechal presidente? Ruy Barbosa e o marechal Hermes — o colosso de Rhodes diante de um bonzo chinês!...

Ruy é a suprema altura; a estatura moral do presidente toca as raias do infinitamente pequeno. Garantiu-nos um illustre alienista que o chefe da nação é um caso clinico de imbecilidade, typico, de facil observação, sem nenhum interesse para os estudos das affecções cerebraes.

O que todos sabem, pois é um facto corrente, é que não passa de um manequim fardado, refestelado como uma mumia na cadeira da presidencia.

D'aqui a cinco mezes será um balão queimado, de que nem as cinzas restarão. Decorridos que sejam estes cinco mezes não será mais que um cadaver decomposto de que todos se afastarão com o lenço ao nariz.

D'aqui a cinco mezes nem o Herculano de Freitas será capaz de lhe fazer o elogio funebre. O proprio Nicanor não terá uma lagrima.

Um máo governo é, porém, um incidente transitorio na vida das nações.

O governo actual, com todo o seu cortejo negro de miserias e de crimes, ha de cair como caem todas as podridões neste mundo, na phrase causticante e verdadeira de Ruy Barbosa.

No conceito de todos os brasileiros livres — é esta a nossa *revanche* — o marechal Hermes é um cadaver que

se putrefaz tranquillamente á sombra do sitio e para o qual já se vai abrindo a valla commum do esquecimento nacional.

Pirralho 149

Sensacional entrevista, gentilmente cedida pelo conspicio capitão Rodolpho Hermes Pinheiro da Roda Miranda.

O BALÃO DO "PIRRALHO"

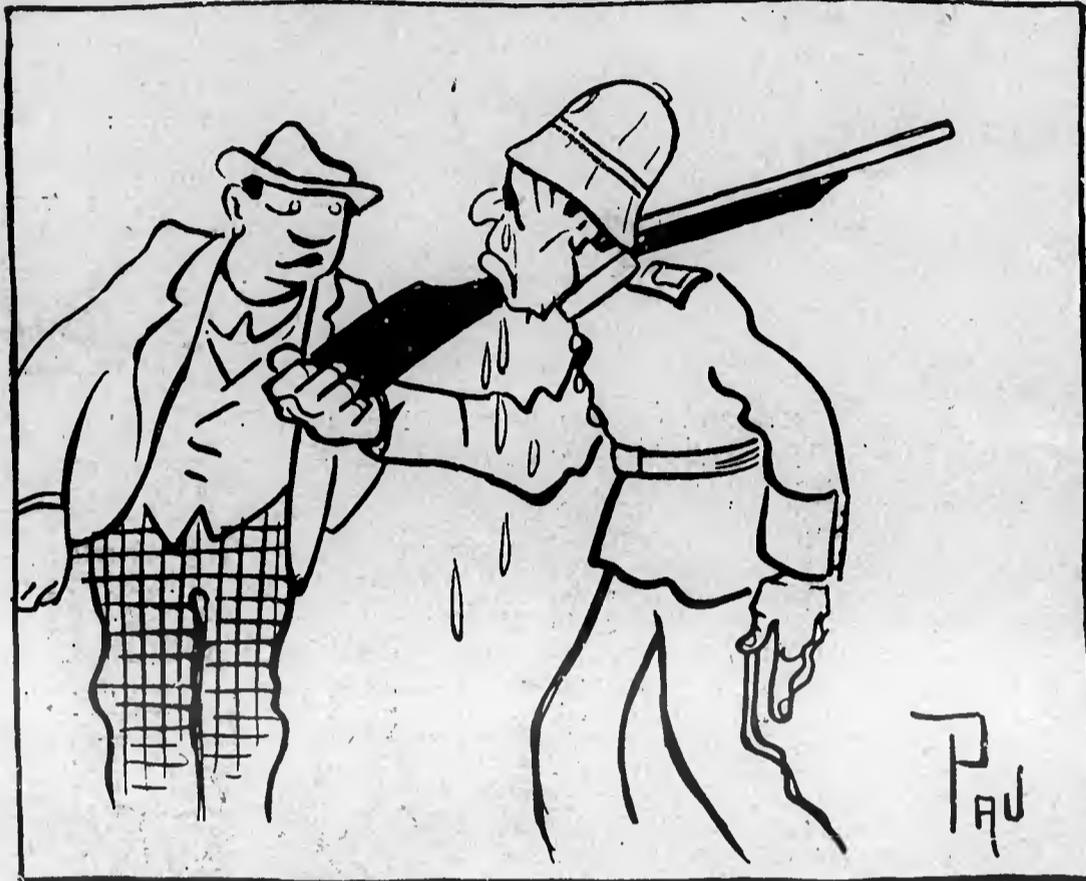


Depois de amanhã "O Pirralho" commemorando o dia de S. Pedro, fará subir um collossal balão figura, medindo 30 metros de altura, com a ultima photographia do Marechal.

Estamos certos de que a Rua 15 será pequena para conter o pessoal do P. R. C.



Campanha contra o bicho



— Porque choras?
— Ainda perguntas? Estou em marcha contra o bicho.

Na Avenida Hygienopolis



A agonia do corso.

DIVAGANDO...

Não se espante, leitor amigo, que não serei tão massante como o autor das *Divagações* "estaduanas" embora seja menos preparado do que o illustre philologo e eminente fabricante de bachareis em letras. Por isso mesmo não colloquei no alto desta columna o titulo da secção do dr. Silvio.

Tinha certeza plena de que não seria lido, e não ha escriptor, bom ou mau que se não desgoste profundamente quando sabe que não tem ao menos, um leitor. O homem, dizia Aristoteles, é um animal vaidoso, e, como tal, não serei eu quem fuja á regra geral. E não é preciso ser-se vaidoso, para se ter um desejo assim; é uma satisfacção que se quer dar á propria consciencia, é um contentamento intimo que se tem, é ainda um bem estar que nos consola, e o consolo de haver produzido alguma coisa digna da leitura, pelo menos, de um individuo. E tu, leitor amigo, estás por isso prestando um beneficio a um teu semelhante que, n'um dia de lazer impoz a si mesmo a tarefa de "injectar" um pouco a humanidade. E a vida é mesmo assim; todos nós temos esse dever de nos auxiliarmos mutuamente. Si se pudesse conceber a hypothese de um só individuo habitar todo o mundo, esse individuo por certo não resistiria á solidão, não aturaria viver sem poder communicar a outrem os seus pensamentos, sem a outrem poder manifestar o seu querer e o seu sentir.

E nós precisamos então viver conjunctamente, em harmonia perfeita com os nossos semelhantes. Dahi, o mandamento de Deus: Amae-vos uns aos outros... E' por isso que é passivel de pena todo aquelle que rompe essa harmonia social, quer tirando a vida ao proximo, quer lesando a propriedade alheia, quer tolhendo a liberdade de quem quer que seja, quer prejudicando a integridade physica ou moral de um ente qualquer... E por fallar em penas, leitor amigo, permitta-me que me detenha um pouco neste ponto, e que divague tambem sobre os nossos tribunaes, principalmente o do Jury, composto de cidadãos mais ou menos leigos. O Tribunal do Jury é uma instituição nobilissima, não ha duvida. Mas o é em these, em principio; na pratica, é uma verdadeira débacle, sobretudo o nosso. Ha cidadãos que não comprehendem a alta missão de que se acham investidos, quando fazem parte do conselho de sentença. Ha cidadãos que julgam de conformidade

com a maioria, inconscientemente, e o facto é que antes de proferirem o seu voto, juram cumprir fielmente o seu dever, e julgar de accôrdo com a sua consciencia. Mas isso ainda não é nada; ás vezes acontece que o cidadão que julga, é mais passivel de pena do que o proprio réo. Quanto a mim, creio que o jury devia ser constituído por homens de reconhecida probidade, de uma elevada moral, e dotados de certos conhecimentos imprescindiveis para o julgamento. Assim, por exemplo, como poderá um individuo de preparo mediocre, responder conscientemente ao quesito: «A morte foi produzida porque o mal fosse mortal, ou porque a victima deixasse de observar o regimen medico-legal reclamado pelo seu estado?» E' verdade que junto aos autos vae sempre a opinião dos medicos; mas é verdade tambem que ha individuos que não comprehendem «tanta coisa exquisita» amontoada... E as taes «condições personalissimas»? Isso então é um «cavallo de batalha».

Houve um jurado que já as entendeu assim:

«Condições personalissimas são as condições sociaes de uma pessoa que já foi investida de altos poderes; por isso, diz elle, é que se denominam personalissimas. Espantoso! Não foi sem razão aquelle voto que ainda ha poucos dias proferiu no Tribunal de Justiça o ministro Brito Bastos. Mas, meu caro leitor, vejo que já te vae caceteando esta minha arenga, onde venho divagando sobre coisas com que nada tens que ver.

Ah! vejo que já passaste por uma «sonéca» e que as tuas palpebras já se vão fechando para outra.

Dorme bem, meu caro, e sonha... com o Tribunal do Jury.

Ultima hora

Chegou ao nosso conhecimento que o sr. Eloy Chaves iniciou a salutar campanha contra o jogo do bicho.

A ser verdade, é justo que destas columnas enviemos os nossos sinceros applausos ao sympathico secretario, desejando-lhe um triumpho completo.

Que a campanha seja tanto para os Amancios como para os Paschôaes, são os nossos votos sinceros ás autoridades encarregadas de zelar pela moralidade publica, contra os descarados e cynicos ladrões, que bancam acintosamente o terrivel e nefasto jogo, que tem levado a desgraça a muitos lares.

No proximo numero trataremos detalhadamente do assumpto.

Quiz a miseravel politica, a hedionda camarilha e despolitica familia perreclsta, que o «Correio da Manhã» completasse o seu declmo tercelro annlversario, sem ter a consolação, a Immensa alegria de festejar mais essa data, com a presença do seu valoroso chefe, do seu querido amigo e companheiro de trabalho Edmundo Bittencourt.

Quiz — dizemos bem — porque si não fora a bala assassina de um assecla commensal do Morro da Graça, Edmundo não se terla afastado do

Brazil, no momento em que se fazia precisa a sua presença, como verdadeiro amigo de seus amigos; no momento em que a sua Intemerata filha perigava, como perigou, ameaçada pelos desordeiros e bandidos, apaniguados do zeloso Chefe de Policia, convertido em criado vll, em escravo indigno da classe jornalstica.

E assim é que o «Correio da Manhã» vlu passar o seu anniversario, sentindo que os parabens, os telegrammas, as cartas e as flores e os abraços dos amigos não fossem recebidos pelo Director, o querido Edmundo.

Não será pois tardio que o valoroso collega receba as nossas effusivas saudações seguldas de um grande abraço do Pirralho.



Amores á antiga:

— Trago flores, Exma., e as flores são o que mais sublime e poetico a divina mão de Christo creou...

— Perdão, meu caro; mas as mãos dos homens já lhes levam vantagem. Temos hoje as joias...



Cortando...

Si houvesse Parlamento feminino no Brazil, estamos certos de que Mlle. — olhos cõr do cõo, — seria uma polittiqueira habilidosa.

Mlle. estava louquinha por patinar com aquelle Mr. Mas como fazer?

Eureka! exclamou Mlle. A sua maninha, aquella criança tola, lhe serviria de entrada.

Entraram para a pista. Na segunda volta Mr. pressuroso dava a sua mão larga, grossa e caldejada, á pequena mão de velludo de Mlle.

E depois, foram aquelles volteios, que lhes

permittiram, scm duvida, dizer tudo o que os namorados podem dizer.

× × ×

Si os Mrs. *habitués* do Rink ouvissem Mlle. V. H., exprobar o procedimento, a audacia de certos patinadores, certamente corrigir-se-lam de certos movimentos, que não só constrangem as moças, como tambem patenteiam a falta de educação.

× × ×

Ella: Alta, clara, olhos pretos, cabellos on-deados.

Elle: Alto, avermelhado, olhos alcoolcos, cabelo á poeta.

× × ×

Desclam a Avenida Hygienopolis:

— Porque voltaste tão tarde hontem?

— Porque quiz.

— Já está aborrecido de mim?

— Talvez.

— E porque casaste commigo?...

Nisto passava o nosso bond e não ouvimos mais nada.

× × ×

Brevemente appareçerá o *Parafuso*, jornal de grande tiragem, redigido pelos academicos da Universidade.

× × ×

Pedem-nos diversas normalistas, sollicite-mos dos padres de Santo Antonio, providencias para que a Igreja do sympathico Antonio, esteja diariamente aberta de 14 horas até ás 16 horas para facilitar o cumprimento das promessas.

× × ×

Mlle. B. L., da Escola Nornai, na qualidade de mais piedosa, vae offerecer ás suas collegas um *Santo Antonio de verdade*, proporcionando magnificos pic nics aos domingos.

× × ×

Mlle. C. de B., vae requerer advogado, afim de protestar contra o Concurso de Belleza do *Pirralho*.

× × ×

Porque será que Mlle. ficou acanhadinha quando entramos no salão de jantar?

Acredite que não reparamos e até achamos *duic* Mlle. variar de *menu*.

Isso tudo quer dizer que Mlle. esqueceu-se da hora do almoço em casa, não é assim?

× × ×

Si Mlle. pudesse imaginar o que nos vieram contar...

Não demos attenção, porque da intriga de Mr. transpirou muito despeito contra Mlle.

Contou-nos uma gravíssima occorrença no ultimo baile do Miramar.

× × ×

Mlle. decididamente teve mau gosio, vestindo aquella toilette de luxo para ir á *soirée* dos Campos Elyseos.

Ao Colyseu, vae-se de bluzinha, sapato sem meia e uma *voilette* bem espessa para na sahida não se dar a conhecer a ninguem.

× × ×

Mr. J. A. encarregou o gracioso garçon Cezar de levar á Mlle. as suas despedidas. Mlle. recebeu-as?

× × ×

Porque Mlle. criticou tanto naquella reunião de sabbado o futuro cavagnac do sr. Manoel Olympio de Albuquerque Lins...

Acaso é candidata ás mãos de Mr.?

× × ×

Que é que Mlle. entende de thcatro? Porque não gostou do segundo acto do *Toreador*?

Ora, Mlle., ha de convir, que entender de rendas, fitas e plumas, não é perceber o desempenho do artista Pecori.

× × ×

O falar alto, sempre foi mal de muita gente. Quem diria que daquellas Mlles., luxuosamente trajadas, abrihantadas, já não se falando no ar affidalg. do, pudessemos ouvir esta phrase:

« Em ultimo caso, você põe um colchão no chão; eu durmo melhor no chão... »

Será possível, que na casa da pseudo-rica Mlle. não tenha uma cama sobressalente?

× × ×

Porque aquella graciosa senhorinha que anda de luto no traje, mas de uma alegria excessiva no coração; que patina admiravelmente,



Cão perdido

— Com que então a minha linda menina perdeu o seu cachorro? mas é facil de encontral-o. Ponha um annuncio no jornal.

— Para que? Si elle não sabe lêr...



O Pirralho



não fez as vontades, sabbado ultimo, de quem lhe pedia que accellasse aquelle botão de rosa?

× × ×

A redacção d'A *Domingueira*, não compareceu sabbado ultimo ao Rink.

× × ×

Porque o Miramar nos dias *diacs*, não faz uma rigorosa selecção na entrada?

× × ×

Só mesmo quem ama, sabe avallar a poesia da praia em noites de luar. Aquelles jovens, que domingo ultimo, passeavam a sós, ora se aproximando da maré, ora fugindo pressurosos, é que póde avallar quanto encanto, quanta satisfação sentiam escutando a orchestra do maruihar ininterrupto de vagas que riam e que choravam. E nós que passavamos, só sentimos não conhecer a *carinha* de ambos.

× × ×

Então é verdade que Mlle. chorou, chorou muito, com a propheta da Buena-Dicha, que lhe desvendou o futuro?

Não se quer casar mais de uma vez?

Então porque bateu palminhas, quando leu a sorte de suas amiguinhas?

Madame Carnot já está á sua disposição. Escreva-nos dizendo o dia em que nasceu e o mez.

× × ×

Qual a toilette que Mlle. deve levar no Colyseu? E' boa.

Leve a mesma que costuma usar no seu gabinetezinho de leitura: sandalias, aquelle *tailleur* azul com aventalzinho rendado e uma rosa no cabelo.

× × ×

Sabemos que Mlle. está fazendo uma collecção de moscas, apanhadas em flagrante, no Colyseu, Campos Elyseos, quando lhe *mordiam* tranquillamente.

× × ×

Mlle. N. M. protesta não ser a mais creança. Assegura-nos que usa vestidos curtos para economisar fazenda.

× × ×

Quiz o maldito typographo que Mlle. em lugar de ter um par de olhos raros como de facto os tem, os tivesse *rasos*.

Pedimos desculpas enquanto é tempo.

× × ×

O querido hebedomadario a *A Domingueira* publicará amanhã « Os olhos dos dandys mais distinctos dos nossos salões ».

Prometemos aos nossos leitores empregar todos os esforços afim de transcrever no proximo numero.

× × ×

Mlle. Alice B., ficou zangadinha porque lhe tiramos o *i* do nome.

Não fomos nós Mlle e sim o typographo que lhe faltando luz, compoz o seu nome atravez da *côr do noite*.

× × ×

Mlle. deve estar radlante, depois que soube que as seus olhos são formosos.

× × ×

Sabemos que Mlle. N. A. L. vae offerecer ao Museu, por intermedio da redacção do *Estado*, uma variada collecção de baratas, baratinhas e baratoês, ultimamente apanhadas nas *soirées diacs* de Colyseu Campos Elyseos.

× × ×

Até que afinal realisou-se o promettido picnic de Madame no Parque Jabaquara.

Os tezouras do costume vieram contar-nos que o *menu* deixou algo a desejar.

Pensando bem, onde se viu Mlle. levar um kilo de linguça frita dentro de um formidavel pão italiano?

Aquella loirinha conhecida dos nossos salões levar taglierini para um batalhão?

Aquella outra uma duzia de vinho marca barbante...

× × ×

Parabens Mlle. Pelo que sabemos Mlle. vac de vento em pópa.

Quando se realisam os docees?

× × ×

Fala-se que Mr. apontado como pretendente

a mão, o pé e o dote de Mlle., em nossa berlinda de Dezembro, pedirá brevemente o consentimento do papá de Mlle.

No caso de ser verdade, daremos as iniciaes de Mr. e Mlle.

× × ×

Appareceu o *Furão*, organ dos furadores da Academia. Resta agora que não tarde o apparecimento do *Penetra*.

× × ×

Os *rendez-vous* pelo telephone já são nos dias que atravessamos, os estratagemas das



TÓTÓ confidente

Tótó — O diabo os entenda! Fazem com a bocca o signal de quem me chama e entretanto nem me olham!



Crime sensacional em São Paulo

Rep. Phot. do Pirralho



A casa da vítima por ocasião da chegada da autoridade.

O cadáver do desventurado capitalista.

O perspicaz delegado incumbido do inquerito.

nossas tímidas Milles. Timidez ou audácia como quiserem os nossos leitores.

Quilz o acaso que a nossa linha estivesse atravessada e ouvíssemos a voz de Mr. F. N., tratando Mille. de «meu bemzinho» e outras assucaradas declarações.

O mais interessante é que foi um velho buguento que o estava ouvindo.

Um conselho Mr.:

1.º Não indagar tanto quem está no aparelho. 2.º Responder só as perguntas que lhe fizerem. 3.º Não ser tão ridículo e plegas nas frases embebedas de frivolidades.

× × ×

Mille. V. H. deve se dirigir á Voltaire que é entendido em modas.

× × ×

Mille. está soffrendo cruelmente os effeitos dos seus caprichos de namorada. Agora que descobriu que Monsieur está quasi molvo de outra, se te os caprichos do Amor.

E que espinhos, santo Deus!

Espinhos venenosos, que ferindo-a substitue a sua alegria pela tristeza, proporcionando-lhe, horas de amargurada meditação, minutos de espontaneas lagrimas.

Não desanime Mille. Seja corajosa que ainda poderá ser a victoriosa.

O seu coraçãozinho deve ser uma fortaleza, a cujas muralhas d'ouro, não faltarão nenhum dos accessorios bellicos para uma lucta altiva, embora prolongada.

Quer um conselho? Desafie o seu ex-amado para um duello.

× × ×

Essas espinhas que enfeiam o rostinho claroroso de Mille. são curavels.

Bastam tres massagens por semana de creme Pompelam, para que Mille. seja invejada e admirada por suas amigulhas.

× × ×

Mille. com aquella cabelleira postlça chamou muito a attenção do nosso Plindoba.

Não sabemos si Mille. ouviu o gracejo de Mr., dizendo que á Nutritiva era a loção da

moda, unica capaz de embellezar em pouco tempo os seus cabellos naturaes.

× × ×

A sua pergunta Mille. merece bem uma chronica. Gostaríamos muito mais de que Mille. e suas inseparaveis amigulhas, organzassem a lista daquelles que são conhecidos por *Caçadores de Dote*.

O seu receio é infundado. Publicaremos da melhor boa-vontade, exigindo-lhe apenas uma condição: vir assignada para uso da redacção.

× × ×

Mille teve suas razões para não gostar do «Rocambole».

Nós, não só nos revoltamos com a *blaque* das 7 partes, como achamos o desempenho mal interpretado.

× × ×

De que estariam rindo gostamente aquellas duas senhoritas na rua 15, segunda-feira ultima? Da original gravata de Mr. ou de alguma indiscreção do Cortando?

Crime sensacional em São Paulo

Rep. Phot. do Pirralho



O inditoso escrivão.

O zeloso guarda-civico que declarou categoricamente ter visto quasi tudo.

O segundo guarda-civico que confirmou "in totum" as declarações do 1.º.



Crime sensacional em São Paulo

Rep. phot. do Pirralho



Importante acareação



Conclusão do inquerito



Ultima photographia do criminoso

× × ×

Mlle. depois que desmanchou o seu noivado — si o nosso orgam vsual não está avarlado — tem emmagrecido muito.

Cuidado Mlle. . . lembre-se que comer araçá não é das melhores fructas.

Quem sabe si aquelle *flirt* de outr'ora ainda reviverá? Aquelles namoricos que Mlle. em um fragmento de uma carta, taxou de « *quixotescos* ».

Ah! que saudosas recordações das tardes na Floresta e daquelles passelos no *Cysne Branco*, o barco cumplice daquela paixão, que ainda existe, e existirá sempre...

× × ×

Ligando um facto ao outro, concluímos agora, que Mlle. por occasião daquelle jantar, ficou devéras incommodada, quando descobriu que o *pavor* estava encarnado naquelle Mr.

Ora, depois da palavra hypothecada a Madame, Mlle. não tinha mais o direito de duvidar da nossa palavra.

E' verdade que Mlle. se recusou terminantemente a tocar as musicas que sabia.

Recusou-se ao primeiro pedido que lhe era dirigido, sem um motivo justificado, principalmente depois daquelle censura de que as *moças paulistas* costumam fazer fiasco nos salões carlocas.

Mas, tranquillize-se Mlle. De uma coisa póde ficar sciente: sexta-feira última Mlle. foi a responsavel pela falta de appetite de quem se diz admiradora.



Vala commum

Joaquim Augusto Correia
Anda cá, vem nos contar,
Não com palavras, mas factos,
Quando, em que tempo, alma feia,
Tu, que mal sabes falar,
Fizeste a secção dos *Ratos*?
Mentir assim causa nojo!
Oh! Joaquim tu não és sério!
Mandamos, pois, teu despojo
Para o nosso cemiterio.

"A CHRONICA"

A "*Chronica*" é um novo *jarnalsinho* que appareceu á noitinha, para defender os interesses do povo e povinho, da politica do conspicuo Glycerio e da famosa *commandita* do Morro da Graça.

Ainda bem que a collega tem o recurso da graça, para não ficar desengraçada no nosso meio, sabida como é a *chronica* do brilhante jornalista José Maria dos Santos.

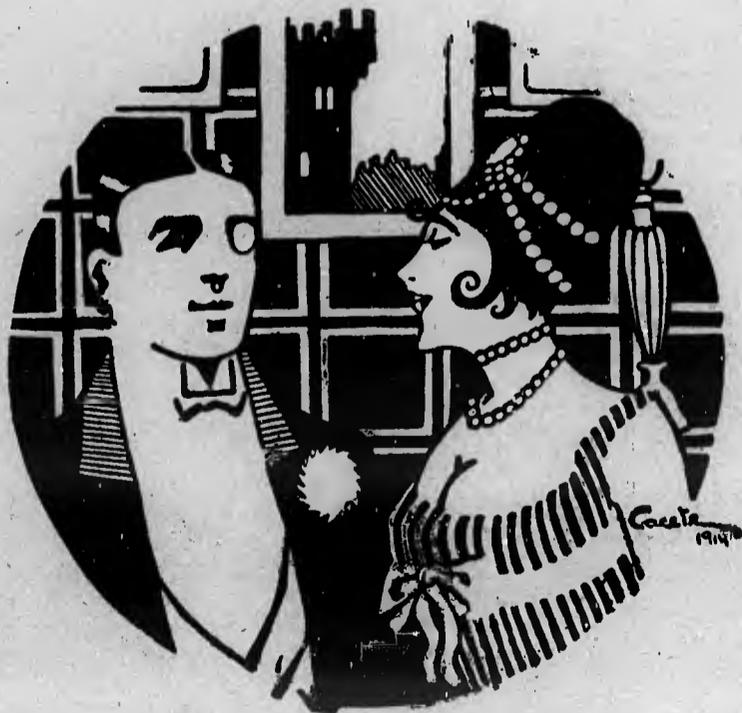
A' nossa collega, que já traçou o seu programma de ataque contra o

governo paulista, o "*Pirralho*" *augura* uma tiragem de duzentas mil folhas, para consumo do *rodolphismo* e dos idiotas que soffrerem de *trachoma*, procurando na "*Chronica*", alguma coisa de util e agradável.

Ao Zé Maria Pinheiro Machado os pezames da *Pirralhada*.

Pirralho 149

Sensacional entrevista, gentilmente cedida pelo conspicuo capitão Rodolpho Hermes Pinheiro da Rocha Miranda.



SUFFRAGISMO

ELLE — Acredite Exm. que a ambição das suffragistas não passa de uma chimera. Senão, vejamos — enquanto o mundo marcha e com elle os homens, as mulheres vão retrogradando; uma mulher no rigor da moda lembra os tempos de Eva no Paraiço...



Canção ao vento...

Do nosso amor, que foi tão santo,
Já tu não sabes, nem eu sei; —
Só nos lembramos, no entretanto,
Desse bucólico recanto
Em que me amaste e em que te amei...

De ceus azues, relvoso manto,
Era esse ninho onde eu sonhei:
Ah! outro affecto, eu bem garanto,
Com mais paixão, com mais quebranto,
Nunca terás, nem eu terei!

Linda chimera, doce encanto,
Que longo tempo eu afaguei;
Na quadra azul, que hoje descanto,
Pois o mais forte e bello canto
Do livro *Amor* que então folhei!

Tudo passou... Sofremos quanto!
Mas não choraste... eu não chorei...
Sómente, ao relembrar, no entanto,
Um fundo espinho eu sei, planto
Nessa tua alma onde eu fui rei...

Sem um soluço, sem um pranto,
Tu me deixaste e eu te deixei!
Mas hoje vemos — com que espanto! —
Que nunca em vida amaste tanto,
Que tanto em vida eu nunca amei!

PAULO SETUBAL



O Hermes, a crise, a politica e o fim do mundo

Senhor Deus dos desgraçados,
Dizei-me ó Senhor Deus
Si é verdade, si é mentira
Tanta *crise* perante os ceus...?!

Qual o que... Muita razão tem o nosso caboclo quando diz que Deus é bom, mas móra longe.

Si o Creador morasse por aqui perto, n'algum arrabalde deste Mundo, no Beléinzinho do Infinito, por exemplo, poderia *crear* uma situação menos critica para nós que, afinal de contas, somos seus *creados*, dando, como providencia que é, as necessarias *ditas* para o fim de derramar sobre as nossas aposentadas carteiras uma copiosa chuva de pédras... preciosas.

Nós não somos menos dignos que os Israelitas de Moysés, os quaes se sustentaram dur nte 40 annos com o *purgativo maná* que Deus fez chover nos desertos do Egypto.

E, segundo dizem os que andam cheirando a vida alheia, as monumentaes Pyramides foram construidas por aquelles *manatas* que acompanhavam Moysés.

Eu creio que isto é verdade porque acho que só quem comeu tanto *maná* é que podiá fazer uma *obra* tão grande, d'aquellas de encher as medidas e fazer vir agua á bocca... dos outros.

O nosso choramingoso poeta Casimiro de Abreu tinha «*saudades da aurora da sua vida, da sua infancia querida*»; nós mais praticos, menos poeticos e mais prosas, temos loucas saudades d'aquellas harmoniosas *pe-lêgas de cem*, com as quaes compravamos os melões do nosso bem-estar, e que tanto nos valorisavam perante o mundo e a sociedade. Nós e o poeta pensavamos diversamente.

E' a tal historia: uns gostam dos olhos, outros da raméla.

Mas, falletos da crise.

Haverá, por ventura ou por caiporismo, situação mais afflictiva, mais desgraçada, mais deploravel que a do *miquiado, do prompto*??

Da cabeça do deus Brahma sahiram os sacerdotes, brahmanes —, dos braços sahiram os guerreiros, xatrias —, do ventre os commerciantes e apicultores, vaycias —, e dos pés os chulepentos escravos ou sudras.

E' bem possivel que os *miquiados* tenham sahido pela *entrada*, isto é,

por certa *parte sagrada* do divino Brahma.

Eis porque costumam dizer que quem não tem dinheiro, etc. e tal, candieiro.

Dizem por ahi que o dinheiro não vale tanto; pois é um passaporte para todas as partes, menos p'ra o ceu. Discordo desta sentença e porisso apelo para o tribunal do raciocinio.

Si o homem foi feito á semelhança de Deus, e si é certo que todo homem come *bóla*, tambem Deus come.

Logo, com *arame* cava-se entrada no cinematographo celeste.

Dizia o Visconde do Rio Claro que todo mundo come *palha*, a questão é saber dar; os nossos patricios explicam o facto, dizendo que vacca que não come com os bois, ou comeu antes, ou comerá depois.

Esta *comedoria* ou *comilança* se verifica esganadamente na casa de D. Politica, viuva do Dr. Bom Senso, onde os *filhotes*, antes mesmo de ir á escola, já sabem de cor e salteado conjugar o verbo *comer* e o seu auxiliar *mamar*, coisas que aprendem com facilidade na excellente cartilha *Têta do Governo*, escripta pelo professor Avança, filho adoptivo de Madame Bandalheira.

E note-se que a *saparia* avança tão seriamente nos *grúdes* e *pandelós* orçamentarios que limpa de uma vez a dispensa do Thezouro, deixando com a barriga nas costas o zé-povo, que é quem paga o pato e cheira os pratos.

Não faz muito tempo que um grande poeta sentenciou:

- «Que vale uma idéa, por sublime,
- «Que se compare ou se approxime
- «A um peru bem gordo e bem tostado??
- «Que é a vida? comer; e a morte? ser comido.
- «Comer ou não comer... eis a questão.

Acho eu que todos devem *comer*, mesmo porque não ha alegria com barriga vasia.

Além do mais, um homem pobre até o rastro é feito.

Qual o remedio contra a crise? Qual o xarope que póde curar esta tremenda constipação algibeiral?

Na minha opinião é o casamento com viuva de dinheiro, o que não é difficil. Como sabem, viuva rica com um olho pisca e com o outro repinica.

E si o *miquiado* fôr casado?

Neste caso conjugue o verbo *dever*.

Um meu amigo, um desses que *esfaqueiam* a torto e a direito, epylepti-

camente, me disse um dia destes que não julga immoral um sujeito que deve.

Si a *moral*, diz elle, é a sciencia do dever, aquelle que deve é um sujeito moral e direito. Nós devemos ser escravos do *dever*.

Penso que esse meu amigo tem caminhões de razão.

Outra cousa: Si a Inglaterra e a França, que são potencias de primeira ordem, devem, e muito, porque nós, que somos uns pobres diabos não podemos tambem dever?!

E o Brasil que que deve os cabellos da cabeça do seu carecal presidente?!

O Extrangeiro, miseravel, sovina e gargantudo já anda com vontade de nos *chamar nos peitos*, e isso porque é quasi certo que não aguentamos com a tremenda carga que trazemos nas osseas costas do nosso Deficit.

E pensa o Extrangeiro muito bem, porisso que é sabido que grande carga e fraca besta, dizem os corvos: nossa é esta.

Um outro meu amigo, filho do Ganha-Dinheiro e neto do Não-Paga-Ninguem, me perguntou um dia destes:

Que poderá fazer um credor em face de um seu devedor? Nada, lhe respondi. Si é verdade que quem não póde com o tempo não inventa moda, e quem não póde com mandinga não carrega patuá, tambem é verdade que não se póde exigir que uma goiabeira dê banana, nem que cachorro pitó atravessasse pinguéla.

Basta de tristezas. Esta vida é curta, e si o mundo não se acabou no dia 13 de novembro de 1897 como affirmava o cabuloso Fabre, é quasi certo que estamos nas vesperras da chegada de Vichnou o deus indiano, o qual na sua 10.^a incarnação, no corpo do cavallo Kalki, virá a este mundo e com um tremendo coice acabará com esta joça, esfarelado-se tudo na *mangedoura* dos factos consumados.

Então, quem escapar do *frége* e e penetrar os humbrães tenebrosos do Inferno, poderá ver, sentado na 3.^a cadeira, á direita de quem entra, encolhido e medroso, tremulo e assustado, a *causa-mãe* desta amaldiçoada crise, o marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, perna fina e *consciencia* secca.

Luclfer de Souza



Tempos bicudos



ELLE — O que havemos de sentir em breves dias Mlle., é a crise dos pellos.
 ELLA — Ora essa!
 ELLE — Pois a mulher para se vestir e se agasalhar durante o inverno vae del-xando os animaes pellados...

NOTAS LITTERARIAS

No album destinado a receber as impressões das pessoas que visitam, no Estado do Rio, a fazenda do deputado Teixeira Brandão, figuram entre outros, os seguintes mimos:
 «Aqui, vim eu, mais uma vez, verificar, que é, sempre, possível, reunir o util ao agradável; pois a beleza, conforto e bem estares que se gosa, mostra também, o resultado de um

trabalho activo e intelligente, pôde-se mesmo dizer que é esta fazenda um modelo agronomico.

São estas as minhas impressões e habituado a não calar nem resistir ao que vai na minh'alma, deixo-as aqui nestas mal traçadas linhas.

HERMES R. DA FONSECA.»

«Ao sr. Jango os meus protestos de alta admiração.

A perseverança condiz muito bem

com a distincção de caracter e lha-neza de espirito.

LEONIDAS H. DA FONSECA.»

Sem commentarios...

Nunca tive em minha vida
 Uma intriga tão louça,
 Como essa historia florida
 Da nossa desconhecida
 Mademoiselle Rydan.

E' um conto emocionante
 Como os contos de Rostand :
 Entram nelle — que galante!
 Um tresloucado estudante
 E uma louquinha Rydan...

Collaboração dos leitores

Sylvia Cordeiro. O seu soneto, Excellentissima, começa por este bello erro de grammatca: «A' quem amo.» E, além dessa crase desastrosa com que V.^a Exc.^a florlu o A da dedicatorla, ha nelle certos arrebatamentos um tanto compromettedores. Veja:

«Quero beijar a flor dos teus labios vermelhos,
 As faces, o pescoço, os olhos, os artelhos,
 Louca de amor, ebria de sonho...»

Reflicta, Excellentissima, e agradeça-nos a gentileza que lhe fazemos em mandar seus versos para a cesta.

Antonio Vairo. Onde é que V. S. aprendeu metrca? Com o Hermes? Ora, seu Antorro, repare:

«Odeio a tua formosura langue
 A tua face cor de fogo e chama — cor de sangue —
 Embora a tua alma contra mim se zangue.»

A sua bem-amada não se zangará por certo com o seu odlo, mas lhe dará pancada por seus abominavels versos.

Mlle. Lili. Um conselho: tire pacatamente a sua cartinha de normalista, vá reger pachorren-tamente uma escola de bairro, nias nunca mais faça um verso.

O moço que fol o seu muso inspirador — dizemos isto para o seu bem — execrar-lhe-la si visse aquella hedlonda choraminga que nos envlou.

Fabio R. dos Santos. Com que enão V. S. tem quarenta annos? Não quer que o maltra-temos na nossa secção?

Pols olhe: desista da rimo mania, por em-quanto. V. S. está numa idade muito tenra; delxe para mais tarde. Mathusalém morreu com novecentos annos e nunca fabrlcou um soneto. Siga-lhe o exemplo.

A. A. Agradecidos. Mande a collaboração.

Benedicto Salgado. A sua zanga já arrefe-ceu? V. S., sr. Salgado, salga-se por qualquer colsa. Mande a sua collaboração. Cá estamos.

Uma leitora. Olhe, Excellentissima: Vamos lhe dar, apesar de Pirralhos, um conselho muito amlgo. Trale da sua costura, dos seus borda-dos, dos seus crochets, mas deslsta para sempre de prestar culto ás Musas.

Veja estes versos:

«Amar! Quem ama vive muitas vidas..
 As almas que amam vivem repartidas
 Em sonhos, beijos, petalas de rosa.»

Olhe, Excellentissima: a senhora nunca amou, porque si anasse não viveria repartida...

José Pimenta. Caramba. V. S. é muito ou-sado. Tem coragem de dirigr aquelles versos "Flores" á sua Angelina. Repare:

«Das flores que te vão melhor na vida
 Que mais te enfeitam, pallida querida,
 São estas flores brancas que eu te dei!»

Sim senhor. V. S., seu Pimenta, é apimenta-dlsslmo.



A NOSSA ENQUÊTE LITERARIA

08080

Falla-nos hoje o professor Saturnino Barboza

Parabens e cumprimentos aos bons amigos do galhardo «O Pirralho», pela nova brilhante fase de publicação.

Ah! vai, nessas desprezenciosas linhas, a série de respostas que damos á *enquête*.

1. — *Que pensa do nosso momento literario?*

A medida que deveria ser tomada para alevantar o nosso meio beletриста, seria o congratamento da familia literaria paulista. A união fás a força e como os elementos estão dispersos, necessario é reunir-os, encaminhal-os á senda da arte.

Feito isso, os fracos se tornariam fortes e estes potencias em materia de estetica e saber.

Dizemos saber, porque é impossivel conceber hoje literato que não esteja a par do grande movimento biologico-social que vai pelo mundo. Arte e ciencia estão de tal modo entrelaçadas nos grandes monumentos literarios, que é bem difficil ver onde uma termina e a outra começa.

As obras de Maeterlink, Zóia, Tolstoy e Kropotkine são exemplos flagrantes do que avançamos.

Muitas obras se produzem, algumas aliás de valor, que não são lidas, nem cheiradas, porque a não ser os amigos do elogio mutuo, que se reúnem em egrejinhas, o resto dos literatos se consideram inimigos...

E' isto que torna dispersivo o momento literario.

O aparecimento de um livro prodús um como desdém nos confrades, quando devêra ser motivo de jubilo. Noutras terras reunia-se logo a contraria para tomar conhecimento do mesmo, discutir-lhe o valor, reparar-lhe os sinões, etc. Quasi não se lê, não se escreve, não se aprecia com metodo o producto do meio. Neste particular vivemos ás tontas, pois ninguém pôde de momento, com sinceridade dizer quais são os escritores paulistas e o que ensinam ou doutrinam em suas obras.

2. — *Qual o melhor prosador paulista vivo?*

Temos Horacio de Carvalho, escritor fecundissimo, com uma bagagem admiravel de obras, onde predomina o crêdo occultista.

O «Kaf» de João Ramalho é um livro soberbo em conhecimentos orientalistas. No dr. Luiz Pereira Barreto temos o escriptor positivista e o sabio cujo valor ainda não foi bem apreciado, devido, como já dissemos, á anarquia reinante no meio.

Por escritor entendemos nós o individuo que através dos seus escritos mostra á humanidade as belezas da vida, guiando-lhe os passos nela.

A palavra escrita é o veiculo para ensinar e delectar; não deve ser a estrada que condús a humanidade ás futilidades que costumam es-

crever os romancistas sem valor e os vates de fancaria.

3. — *Qual o melhor poeta paulista vivo?*

Poetas são os que decantam os grandes feitos de um povo, no seculo em que florescem. O amor da humanidade, o entusiasmo pelos progressos scientificos, o horriavelmente beilo da guerra, etc. Comprehende-se que para isso é preciso aliar o fundo á fórma de modo vibrante, como fizeram Homéro, Dante, Milton, Camões, Guerra Junqueiro, etc., de acordo com o verbo grego *poiein*, que quer dizer, registrar um cometimento qualquer, com alma, vida, inspiração, ciencia e valor. Verso, do latim *versos, vertis*, quer dizer voltar atrás, figuradamente, rimar... Fazem-se muitos versos em S. Paulo e especialmente sonetos — a terrivel jaula do pensamento, que tem como grades os quatorze versos.

Si por poetas entendermos o individuo que trabalha neste genero literario, então eles superabundam na Paulicéa...

A nosso ver, quem não escreveu um poema épico, não merece o nome de poeta. Não possuímos, portanto, a não ser em estado de fósfil, essa raridade zoológica cujo cérebro não raro despêde, como fagulhas de ouro, as irradiações do genio.

Temos alguns vates mais ou menos bons, cujos nomes não queremos citar, pois são bem conhecidos; já tendo mesmo ensaiado algo em materia de poesia.

4. — *Acredita no nosso futuro literario?*

A evolução é uma lei que se não pode negar. Num futuro não muito distante, quando a actual geração estiver fundida com os nossos hospedes estrangeiros e a instrucção tiver penetrado mais lundo, a nossa literatura será um portento.

Hão de abundar, como as nossas cachoeiras e os nossos rios, os poemas a Guerra Junqueiro e os romancistas a Emilio Zola.

5. — *Que dis do nosso jornalismo literario?*

Achamos que se está iniciando e ha de evoluir para o tempo adiante, quando os nossos literatos e jornalistas fôrem mais unidos e menos ociosos.

6. — *Que pensa da literatura dialectal do nosso estado?*

A não ser um diminutissimo ensaio de um ou outro curioso, sem côordenação nem valor, tal genero de literatura não deixa vestigios dignos de nota; e pelo que sabemos não cogita a nossa Academia de letras de coiligir tal monumento literario...

7. — *Que pensa da nossa critica literaria?*

Não possuímos essa preciosa jóia e todavia grande é a falta que nos fás. Ha por ai mu-

tos escritores que fazem critica dos livros que aparecem; alguns porem não sabem o que dizem, outros não dizem o que sabem. Uns por conveniencia propria, outros por oportunismo.

Releva notar entretanto, que o nosso meio necessita de um critico de arte e o dr. Silvio de Almeida está nas condições de prestar bons serviços á capital artistica.

Oxalá o queira fazer!

O papel de critico hodierno é complexo, para o que deve possuir uma educação integral; sem isso pouco fará, pois nos nossos dias a filosofia açambarcou de tal modo os diversos departamentos da arte, que se pôde com franqueza asseverar não haver lugar onde éia não penetre.

As vistas largas de um Taine tudo mede, tudo prevê, para prôver tudo.

8. — *Que pensa da "Academia Paulista de Letras" e do papel que éia vai representando ou tem representado no nosso movimento literario?*

As Academias de Letras constituem estimulos salutares para os literatos, quando éias abrem as suas portas para receber os expoentes, maximos, isto é, literatos com grandes bagagens de obras admiraveis e vastos conhecimentos enciclopedicos, não um rapaseiho cujo unico mérito consiste em ter perpetrado meia dúzia de sonetos mediôcres...

Entre nós, as Academias, quasi sempre, recolhem no seu seio os mais habéis, que mais politica sabem fazer, tornando-se o escôpo de odios e rancôres em vês do abençoado templo das letras, como se a literatura fosse uma especie de corridas de cavalos...

9. — *Outro qualquer agrupamento de homens de letras, associação ou núcleo intelectual, tem feito mais do que a "Academia Paulista"?*

Existem gremios literarios dirigidos por jovens que muito prometem, salientando-se dentre eles a «Sociedade de Cultura Artistica», que periodicamente, delicia os seus associados com esplendidas audições musicas e magnificas conferencias sobre literatura.

10. — *Tem a dizer alguma cousa mais sobre S. Paulo intelectual?*

Alnda. Insistimos no congrassamento da familia literaria paulista porque a união fás a força.

Sêjamos bons amigos é o que sinceramente desejamos aos intelectuais de S. Paulo.

Crêmos ter dito a verdade em toda a sua anatomica nudés.

Si os camaradas entenderem que estas respostas têm vaiôr publiquem-n'as.

Muitos abraços do

SATURNINO BARBOZA.





PIADAS GOSTOSAS



Que pandega...

"Pirralho" Social

A vida, mille., é chela de amargura; não é, como pensava a minha graciosa amiguinha, um sonho ininterrupto. O coração soffre e padece, soluça e chora, «gozando vive e pennando morre...» E essa contradicção é fatal. Hoje, somos felizes, amanhã desgraçados; e já dizia alguém, que um dia que chega nos traz esperanças e um dia que passa nos deixa saudades... E' assim, mille., que entre a saudade e a esperança, nossa vida vae-se deslisando...

Li a sua cartinha, acompanhei as suas lamentações. De quem a culpa? Si mille. tivesse meditado bem, si antes de enviar o «ultimatum» a Monsieur pensasse mais, talvez que os factos que mille. me explica na sua missiva, não se tivessem realisado. Agora é necessario calma para proseguir, muita cautela, muita... Mille., que tem um coraçãozinho de ouro, não permitirá que delle fuja o encantado passaro do amor...

Parece que as leitoras não fazem muita questão de conhecer o seu futuro.

A nossa distincta collaboradora mme. Carnot poucos pedidos tem recebido neste sentido. Entretanto, achamos que ha muita vantagem para todos, em communicar-se com a distincta e reputada astrologa. Aqui entre os nossos companheiros de trabalho já fez prodigios; muitos que não acreditavam «nessas coisas», ficaram admirados com as prophcias de mme. Carnot.

Allás, o seu nome vem precedido de grande fama, e os seus meitos são confirmados pelas mais eminentes autoridades na materia.

Demais, a Astrologia é uma sciencia, e Isso ninguem contesta.

Porque, pois, as leitoras e os leitores do «Pirralho» não enviam á nossa redacção os seus nomes ou pseudonymos e data de nascimento,

afim de saberem o seu porvir? Aqui esperamos as consultas.

Vi-a por occasião da missa de domingo ultimo, em Santa Cecilia. Toda contricta, orando fervorosamente, ajoelhada, mille. fazia uma prece. Tive ensejo de admirar então o grande sentimento religioso de mille.

Nem parecia a mesma; dir-se-la que, ao penetrar na casa de Deus, mille. deixara á porta a sua almazinha alegre e satisfeita, e a trocara por uma outra, talvez a de uma velha alquebrada ao peso de mil peccados. E por isso, mille. estava triste, de uma tristeza profunda. E eu que cá fora a vejo sempre tão risonha, entoando á vida um hymno glorioso, senti bastante vel-a assim tão melancollica, por occasião da missa de domingo...

De mille. Diva recebemos amavel cartinha, pedindo-nos a publicação de uma lista das professorandas da Escola Normal. Embora as listas não façam mais parte do nosso programma, por isso que, quasi sempre, dão margem a protestos da parte das senhoritas e rapazes que nellas figuram, e que, digamos de passagem, entendem mal uma brincadeira inoffensiva, entregá-mos a que mille. nos enviou a quem de direito, para que a faça publicar. Os predicados que mille, empresta ás suas colleguinhas são todos elles justissimos e merecidos, e não ha razão de queixa da parte de quem quer que seja.

Assim, agradecemos penhorados, o concurso de mille. para a nossa revista.

Mille. Juno: Recebi e agradeço a sua collaboração. Embora seja ella muito preciosa, não offerece mais oportunidade. Eis por que não posso attender á minha mythologica amiguinha.

As soirées chics de alguns dos nossos cinemas, principalmente o High-Life, têm sido corridissimas. Decididamente os cinemas constituem hoje, para o nosso povo o melhor e o mais agradável divertimento. Não ha companhia lyrica, dramática ou de operetas, que chegue a ganhar para as despesas. E' que o cinema, além de ser mais economico. é bem mais instructivo. Em alguns paizes da Europa já está em grande moda o cinema ao ar livre, ao alcance das classes populares. De facto, o cinema ao ar livre offerece muito mais vantagens, e é além de tudo, mais hygienico. Sim, porque ficar a gente num salão, completamente cheio, respirando por horas numa viciada atmospheria, é, hão de convir, bem mais desagradavel do que assistir-se ao desenrolar de fitas numa praça publica, onde se possa respirar um ar puro e sadio. Porque as nossas grandes empresas cinematographicas não levam avante esta ideia? Ah! temos o Bosque da Saude, o Velodromo, a Floresta, e tantos outros parques e jardins, que muito se prestam para isso.

Seria um grande beneficio prestado á nossa população, pois que, nos tempos que correm, o cinema é já uma necessidade, tão indispensavel quanto aquella da alimentação, para o equilibrio vital.

Mille. descobriu a polvora... inventou aquella historia complicada de que monsieur estava noivo no Rio, só para preoccupar com isso o espirito da sua gentil amiguinha.

Não sei si mille. conseguiu o seu intento, nem sei si de facto a sua amiguinha se preocupou tanto.

O facto é que tudo isso não passa de uma admiravel «biague» passada a mille. Monsieur não está noivo no Rio; e não está porque não pretende occupar esse posto tão cedo assim. Não se affilja tanto, mille., nem communique a outrem, aquillo de que não tenha bem certeza.

Mille. ouviu cantar o gallo, mas não sabe onde...

Ha poucos dias fallámos aqui do modo pouco cortez por que um cançonetista manqué se exhibia no Colyseu dos Campos Elyseos, — uma especie de barracão inesthetico e infecto que existe alli pelas alturas do Palacio da Presidencia.

Pois bem. Quanto ao cançonetista, um tal Brugnoletto, a empreza providenciou, expulsando-o dias depois. Com relação á Immundicie da casa, o inspector sanitario prometteu attender aos nossos reclamos, dizendo-nos que poria em pratica, opportunamente, medidas rigorosas contra ella. Cumprimos, pois, o nosso dever, quanto ao Colyseu Campos Elyseos; resta que o sr. dr. Guilherme Alvaro cumpra o seu. Vem agora á baila um outro pardieiro, que se levanta na rua Duque de Caxias: — o cinema Odéon.

Como quasi todas, esta casa de diversões é frequentada por distinctas familias. Acontece que, de uns tempos para cá, o seu proprietario, sr. Cacchione, introduzlu no programma das soirées numeros de variedades. E todas as noites se exhibem alli cançonetistas, que já trabalharam em Casinos e Moullins Rouges, e que, por esse facto, escolhem sempre os numeros de great attraction para cantar. Mas isso ainda não é nada.

De quarta-feira atrazada, o programma trazia um numero interessantissimo: lucta romana, pelos afamados campeões Brunini e Jack le Sulss. Hão de convir que é um spectaculo por demais brutal, para ser assistido por moças. Além disso, o pessoal da platéa faz uma algazarra enorme, o juiz da lucta discute em altas vozes, os partidos se formam... e quarta-feira ultima, por um triz não se verificava alli a segunda edição da guerra russo-japoneza. A poll-



cia que providence nesse sentido, antes que se registem factos mais desagradáveis.

× × ×

Página triste (do diário de um namorado) Chora, coração... A vida é mesmo assim: um descrolar continuo de atrozes dores, um continuo angustiar e um soffrer perenne... Chora, coração... Talvez, chorando assim, te consoles com essa tua dor profunda; talvez que essas lagrimas que correm pelo teu lindo rostinho, arranquem do teu coração o sentimento que te tortura e que te põe melancolica. Vendo-te, hontem, eu tive a impressão de que alguma cousa te pungia bem fundo, e aquella alegria de outras éras que transparecia no brilho de teus olhos e no teu sorriso de creatura melga e boa, se transformava em tristezas e pezares. E eu como que participava naquelle instante, alli, dilante da tua imagem amada, daquella grande magua que te enchia o coração.

Mas a vida é mesmo assim: quem sabe si tudo isso não é prenuncio da volta dos velhos tempos em que eras feliz, em que a tua alma pura se banhava na luz celestial que desca do céu como si fora uma bençãam...

Esses tempos hão de voltar, estou bem certo disso. Chora, coração, mas fica com essa doce esperança, a fagueira esperança da volta do teu primeiro amor...

On revient toujours à son premier amour...

× × ×

Mlle. até hoje não acreditou que monsieur cumprisse a sua promessa. Cada vez que elle lhe pergunta, por entre phrases carinhosas, si o ama de facto, ella procura esquivar-se á resposta, e fta-o demoradamente, com os seus grandes olhos negros, como a dizer que sim. Mas nem assim monsieur fica satisfeito; elle quer e aneia por que mlle., entreabrindo seus labios cor de rosa, lhe murmure, baixinho: *amo-te*... Mas mlle. não sãe da fortaleza do seu orguiho, ama-o de facto e «em phrases que negam, a voz diz que sim...»

Entretanto, elle tambem dedica a mlle. um grande affecto; e crelo mesmo, que daqui a mezes, monsieur decidirá por pedil-a em casamento, e o *conjugio vobis* vlrá em pouco tempo.

× × ×

A 20 do corrente realizou-se a festa promovida pelo Gremio Dramatico Santa Cecilia em beneficio da Casa Pia de S. Vicente de Paulo. Como todos os que temos assistido, o espectáculo de sabbado ultimo esteve brilhantissimo. A concorrência, selectissima como sempre, applaudiu com enthusiasmo os rapazes e moças que tomaram parte no programma.

A's oito e meia da noite teve inicio o espectáculo, tendo antes a orchestra executado — *Le Souveraine* — a deliciosa *Souveraine* de Bernot. O duetto — *Apresentação* —, cantado por mlle. Antonietta Haro e Eurico Mendes, foi bastante apreciado, e com justiça, pela assistencia. Nessa occasião, mlle. Antonietta mimosecou os representantes da imprensa com ramalhetes de flores, que atrava do palco, com aquella gentileza e graça que todos lhe apreciam. Lamentamos, entretanto, que mlle. nos reservasse um formidoloso «copo de leite» que, atravessando a saia como um relampago, velu cair-nos em chelo no rosto. Seria enthusiasmo demais por *Pirralho*? Cremos que não.

Acaso mlle. não se alista no numero daquellas que apreclam o endiabrado mas inofensivo menino, que adora as meninas bonitas, que tanto o distinguem com o seu apreço? O duetto — *El Toreador* — cujo desempenho foi brilhante por parte de Eurico Mendes e mlle. Silva Prado, foi aprecladissimo por todos que tiveram occasião de o ouvir.

— Hoje o Gremio realiza mais uma de suas festas.

Como sempre, o *Pirralho* terá grande prazer em assistil-a, e comparecerá acompanhado das suas casas civil e milltar.

VOLTAIRE.

PIRRALHO CARTEIRO

Mlle. Sylvia Cordeiro. — Procure resposta na «Collaboração dos leitores».

Mlle. A. N. — Entregamos a sua cartilha a Madame Carnot.

Mlle. Lili. — Obedeça os conselhos de João Manoel.

Fabio R. dos Santos. — O suicidio tanto póde ser no Viaducto de Santa Ephigenia como no do Chá

H. H. — Esperamos.

Mlle. America dos Santos. — Mme. Carnot recebeu sua cartilha.

Uma leitora. — Leia «Collaboração dos leitores».

Mlle. Zelia Serra. — Aguarde resposta.

Mlle. Ernestina Silveira. — Digne-se esperar o proximo numero.

Mlle. Muricota Santos. — Madame Carnot tem mais de duzentas cartas para responder.

Sabemos que ella, para facilitar, responderá em ordem alphabetica.

Mlle. Lola. — A sua correspondencia, Mlle., tem posto o nosso Paulo com a cabeça no ar! E hoje, para satisfazer o seu pedido e para alcançar o que Mlle. prometeu, o PIRRALHO traz uma *Canção ao Vento*... São versos feitos especialmente para obedecer ao seu capricho. Como Mlle. vê, o Paulo cumpriu a sua palavra: falta agora Mlle. cumprir a sua...

Gavroche agradece lhe as amaveis referencias. Elle é mesmo capaz de se convencer que é sympathico...

Mlle. Rydan. — Pelo amor de Deus, Mlle., não queira aturdir tanto o nosso collaborador!

O Paulo está verdadeiramente intrigado com suas cartas e, principalmente, com sua ultima photographia! Será crível que Mlle. seja uma das que figuram naquelle Instantaneo? O que está nos parecendo, Mlle., é que V. S. e Mlle. Lola são dois nomes distinctos numa só pessoa verdadeira...

Nadir Santos. — Ler resposta acima.

Mlle. V. O. — A sua data de nascimento está errada. Sabemos que Mlle. faz annos no dia 2 de Setembro.

Mr. C. J. — Madame Carnot não accelta cartas escriptas a machina.

Mr. O. O. G. — Aguarde oportunidade.

As paulistas. — Vamos pensar um pouco. Achamos viavel, dependendo apenas de uma cartilha de Mlle, assignada pelos interessados, para nosso uso exclusivo.

João Pimenta. — Recolha-se.

A. B. Condor, enviou-nos o seu pamphleto "*Patria Agonizante*". Como livro de critica ao governo federal, despotico, ladrão, assassino e cretino, é sem duvida um consolo para nós que vimos sempre atacando o nefasto presidente.

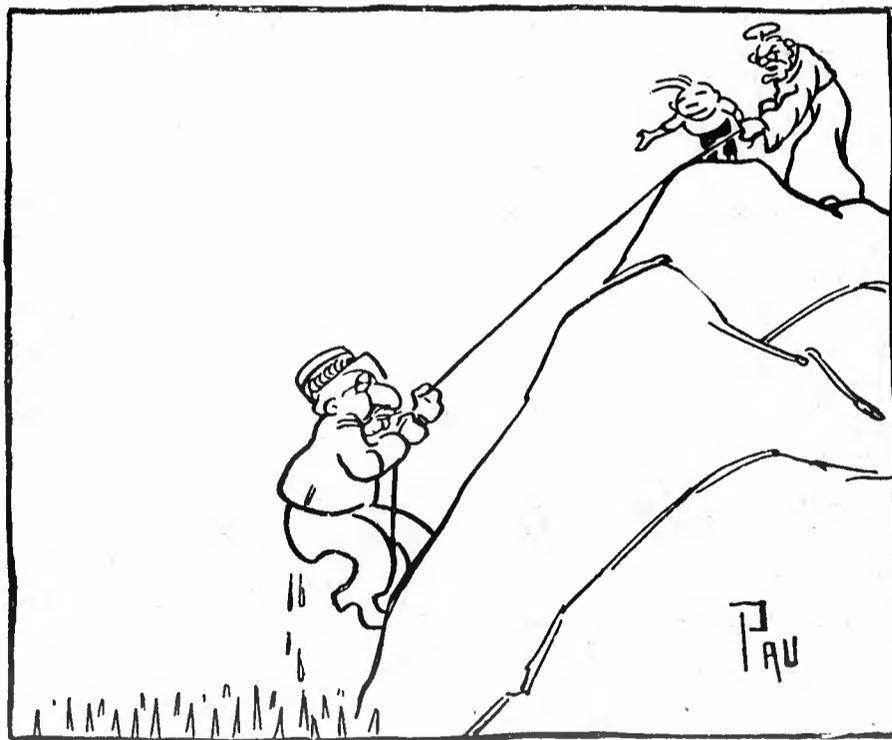
No proximo numero publicaremos um dos bellos capitulos de "*Patria Agonizante*".

Ao auctor, penhoradissimos pela offerta.

Pirralho 149

Sensacional entrevista, gentilmente concedida pelo conspicuo capitão Rodolpho Hermes Pinheiro da Rocha Miranda.

A CORDA DO PRESTIGIO



São Paulo: — Força e coragem seu Hermes. Pirralho: — Quai, voce, não vê, que nem assim elle sobe.

TESOURA ACADEMICA

◀ Faculdade de Direito ▶

José Benício de Paiva — Da turma não digo que seja um dos mais moços nem tão pouco um dos mais bonitos; mas posso assegurar que é um dos talentos mais brilhantes da nova geração que deixa o velho casarão do Largo de S. Francisco.

Muito alto, magro, já recurvo (sentindo talvez sobre os ombros o peso dos annos e das responsabilidades), pescoço descommunal entalado num altíssimo colarinho quebrado em pontas, nariz aquilino onde repousa desde os bancos gymnasiaes um classico *pince-nez* preso por um trancelim que, passando pela orelha esquerda, cahe negligentemente sobre o torax, tem o nosso amigo um ar de verdadeiro typo de estudante de 1850.

Dois oinhos vivos e brilhantes illuminam sua physionomia de uma serenidade que logo á primeira vista nos predispõe sympathicamente para com elle.

Sua cabeça, pequenina e aguda, é aformoseada por uns cabelos pretos cuidadosamente repartidos a Santos Dumont.

O nosso Juca impoz o seu nome não só peio seu curso brilhante que vem fazendo com distincção, como tambem peio seu trato carinhoso e affavel para com todos que deile se acercam, pois é tão sómente um o tratamento que elle dispensa aos collegas, quer seja um evidente, quer seja um apagado.

Dessora amizades intimas de pessoas altamente collocadas e não faz aiarde disso; é o homem talhado para as grandes cousas.

Além disso, sabemos que é um pavoroso idolatra da — Mulher — tendo sobre o casamento idéas adeantadissimas que têm salvo o nosso Juca de sérias e perigosissimas enrosçadas.

Para as nossas pandegas de estudantes *bohemios* muita vez tivemos o prazer de convidá-lo, porém, nunca accedeu aos nossos convites; ao contrario, tinha sempre prompta para estas occasiões uma tremenda descompostura.

E', de resto, um estudante sério o sympathico quintannista.

× × ×

Morreu o bedel Chico, uma das reliquias da velha Academia.

O Chico, o amigo dedicado da mocidade academica, tinha em cada um dos moços daquela casa um admirador sincero. Exerceu por algum tempo o cargo de funcionario da Bibliotheca da Academia, morrendo no seu modesto posto de bedel. Honesto e trabalhador, o Chico realizou em vida aquillo que todo homem aimeja. *Honest work, honest dealing, these qualities marks the winner in every part of the world.* A mocidade academica deposita sobre o seu tumulo, um punhado de saudades.

× × ×

Francisco Maranhão — Não ha quem não o conheça na Faculdade. Gordo e de uma estatura regular, o Maranhão é intelligente, ap-

plicado e muito camarada. Ha tempos explicou-nos a sua Genealogia... (e como é complicada)... Chamam-n'o *cavalheiro de Medicis* por causa dos estreitos laços que os unem á illustre familia «*Florentina*.» E' pois um descendente nobre dos Cosmes (seculo 14) Lourenços (seculos 15 e 16) Catharina de Médicis (seculo 16) e Alexandre 1.º, duque de Florença (seculo 16).

Pandego e muito pandego, não deixa de parecer circumspecto pelos nobres traços da sua physionomia.

E' um adepto enthuasta da especialidade de Mlle. Dupuy-Tessain e de M. eur Isaac-Elbas; eis portanto um excellent *tangarino*, (para rimar com Florentino).

Lecciona diariamente o tango nos pateos da Faculdade a innumerados collegas, e ha dias, o joven dançarino entretinha-se em ensinal-o ao Paranaguá, á entrada da Faculdade; e os que passavam pelo largo de S. Francisco pasmavam-se ante o assombroso requebrado dos dois alegres rapazes.

Ahi está portanto um academico nobre e um nobre dansarino!...

× × ×

A ultima secção do "Centro" — Como sempre, correu agitada a ultima sessão do Centro. Já ás 13 horas era grande o numero de academicos presentes.

la se discutir a questão dos *pagamentos*, questão esta cheia de encrencas...

Sob a presidencia de Sylvio Marquez, secretariado pelos srs. Pereira Lima e Waldomiro Carvalho, é aberta a sessão.

Alguns academicos pedem a palavra; estabelece-se grande tumulto, reclamam silencio; chovem ptiherias, e as gargalhadas enchem o recinto.

A palavra está com o Apocalypse, que revelou conhecer toda a technica jurídica e ter consultado muitas vezes os «*Meus ensaios*» (do Dr. Zé Mendes).

Falla o Josino Vianna; os apartes continuados estabelecem, dentro em pouco, baiburdia: soam os tympanos.

A um violento aparte do Ancona Lopes contra a peroração do sr. Josino... as galerias rompem em gargalhadas.

Falla o Benjamin Goyano, erlça-se a sua vasta cabelleira. S. S. fallia a principio com calma e precisão, tropeçando logo a um aparte dado por um collega. S. Excia. chama de *Claque* á extrema esquerda.

O Manuel do Carmo invoca a memoria de Julio de Castilhos e o prestigio de Borges de Medeiros, cita o Sanchismo e repete a phrase de Benjamin Vieira. Reina forte algazarra....

Devido ao tumulto foi suspensa a sessão, debaixo de vivas e pancadarias.

× × ×

O Clovis Ribeiro abandonou a politica do Centro. S. S. dezeja cavar amigos de muque para apoiar o blóco pacato.

× × ×

O Abel de Agular resignou-se com a formidavel derrota do seu candidato. Felizmente S. S. dedica-se exclusivamente á politico do *High Life*. A sua presença alii tem sido assdua e notada.

× × ×

O Waldemar Tavares Paes é um quartannista infeliz...

Ha pouco tempo regressou de Minas, para onde seguira noivo. Regressando a essa capital soube da quebra do juramento que Mlle. A. F. lh'o fizera no «*adeus*» de despedida....

O moço já estará resignado?...

× × ×

O Lulz Sucupira, conhecido intervencionista academico, está viuvo desde Março. S. S. casar-se-á de novo em Setembro e eis o motivo que o impediu de comparecer á sessão do Centro.

× × ×

O Dr. Ignacio Ferreira, distincto quartannista, regressou de Rio Claro. Está mais gordo e mais bonito.

Desistiu dos «*firts*» e resolveu pedir a mão de Mlle. O.... depois que se tornar bacharelando.

Aconselhamos ao Dr. recolher-se ao Hotel mais cêdo...

× × ×

O Dulcideo Costa está amando os livros e ás estrelias... S. S. está inscripto para fazer um formidavel bestia *pró calouros*.

× × ×

O Dr. Edgard Redondo do Nascimento está gozando férias... vimol-o no Guarany em companhia de distinctas mademoiselles....

(Do correspondente.)

× × ×

O Lauro Cardoso de Almolda, adquiriu um tratado sobre *A Cutis* e diversos preparados para seu uso particular.

Na sua viagem á Europa o joven efeminado consultou diversas autoridades em elegancia, porém não leu as do nosso ultimo numero.

× × ×

O Fritz Souza Queiroz regressou á Patria amando, shootando e driblando. S. S. veio para cavar «*presença*».

× × ×

O calouro Luiz Phillpe Lacerda contribuiu ha dias com a quantia de 1\$000 para as obras das «*Caixas d'oculos*».

S. S. é um grande bemfeitor desta pia instituição.

× × ×

Os poetas Manuel do Carmo e Josino Vianna continuam elaborando os seus trabalhos épicos. Suas excias. fazem parte da direcção da mutua «*Caixas d'oculos*».

BEDEL.



Taça Rio S. Paulo

O «Correio da Manhã» instituindo a «Taça Rio S. Paulo» cooperou de um modo bastante apreciável para o recrudescimento do ardor sportivo nos dois centros mais populosos do Brazil.

Os cariocas e os paulistas de ha muito que vêm, numa lucta titânica, disputando a hegemonia do foot-ball e com a criação desse campeonato Inter-estadual encontraram o desejado meio que lhes facilitará o ensejo de pôr em evidencia os seus meritos sportivos. Os matchs para a conquista da «Taça Rio S. Paulo» serão disputados pelo escóti dos foot-bollers das duas grandes capitães, tendo como se depreheende a faculdade de provar quaes as proporções do desenvolvimento do sport nos dois meios. O primeiro encontro entre os dois scratchs se realisará amanhã no ground do Fluminense F. C. E' um torneio aguardado com grande anciedade e que precisa corresponder á expectativa de todos aquelles que acompanham, com entusiasmo, a marcha do sport entre nós.

Os cariocas cuidaram seriamente da organisação do team que vae enfrentar os players paulistas e a se julgar pela opinião dos entendidos estão em optimas condições de preparo para a lucta.

Os paulistas, como de costume, mesmo se tratando de um match de caracter extraordinario, não se compenetraram das responsabilidades que lhes cabiam, tanto assim que hoje partem para o Rio sem ter definitivamente organizado a sua equipe. A confiança que os nossos directores sportivos votam nos optimos elementos que de facto possuímos tem sido dos fracassos que ultimamente temos soffrido. As lições que recebemos e que foram um justo castigo á nossa imprevidencia nos deviam ter escarmentado.

Em todo caso confitemos no criterio e na justiça da A. P. S. H. Acreditamos que o nosso melhor conjuncto é o seguinte:

Rachou

Orlando—Osny

Gullo—Rubens—Campos Mello

Mac Lean—Renato—Decio—Juvenal—Friendereich

Hugo, o nosso afamado goal-keper, ao nosso ver está em plena decadencia; as suas defesas são incertas e a sua collocação é sempre má. Rachou, ao contrario, tem se revelado firme no seu posto e muito conhecedor de suas difficuldades.

Com a substituição que propomos muito lucraria o nosso scratch, que é inegavelmente forte e tem capacidade para levar de vencida o scratch carioca. Ambicionamos um exito honroso para os paulistas, que sempre se impuzeram no meio sportivo pelas suas qualidades elevadas e raras de sportmen, e com ardor lhes endereçamos os nossos incitamentos no sentido de trabalharem com afincio para a obtenção da almejada victoria sobre os cariocas.

O scratch paulista que nos vae representar no Rio nos colloca na seguinte situação: ou somos de facto os verdadeiros detentores da hegemonia sportiva no Brazil ou então estamos num periodo de franca degenerescencia.

Esperamos que se verifique a primeira hypothese em beneficio do renome que conquistamos com dispendio de tantas energias.

Aqui ficam assignalados os nossos votos de prosperidades aos nossos queridos conterraneos.

PIRRALHO 149

Sensacional entrevista, gentilmente cedida pelo conspicuo capitão Rodolpho Hermes Pinheiro da Rocha Miranda.

Boateiros

Não tem fundamento a noticia corriqueira que os nossos desaffectedos propalaram durante a semana de que o Pirralho, havia sido adquirido pela gentalha do P. R. C.

O Pirralho, que em breve entrará no seu

quarto anno de vida, desde que nasceu sempre esteve ao lado do Governo Paulista, ora defendendo-o, ora atacando-o.

Foi portanto inveridico o boato; nunca passou nos pela mente, trocar a nossa penna por pontas de bayonetas, nem a nossa dignidade chegou á extrema fallencia, para defendermos a troca de dinheiro, o cretinismo do Morechai Hermes e a sua troupe.



Theatro Nacional

ELLA — Agora, com a proxima entrada do inverno, os chás Municipal tomarão com certeza um brilho e um luxo inteiramente parisiense...

ELLE — Sim, mas seria mais genuino, ou mesmo mais patriotico, se em vez de chá se bebesse aguardente... ou mel de canna...



O sr. Barão de Teffé vae pleitear a sua candidatura á Academia de Letras

S. exa. vae mandar um conto inedito para o numero de anniversario do "Pirralho"

Petropolis, sexta-feira.

Chegámos á noitinha. Hospeda monos no Hotel Rio de Janeiro. Immediatamente telephonamos ao amavel sogro do marechal, solicitando uma audiencia. S. exa. com a sua tradicional affabilidade promptificou-se a nos satisfazer o desejo, sob a condição de não relatarmos aos nossos leitores o transumpto da entrevista.



A's primeiras horas da manhã de sabbado apressamo-nos em tomar um carro que nos levasse ao Palacio Rio Negro.

Chegamos justamente na occasião em que o Barão Teffé sahia do banho. S. exa. vestindo pijama, dos tempos imperiaes, tendo á altura do peito as armas da monarchia, vinha tresandando a sabão da Costa.

Mal nos avistou, s. exa. num gesto de requintada pudicicia, compoz a gola do seu dolman e nos extendendo a mão declarou: — Acabo de sahir do banho e assim á *la diable* os recebo.

— Sentem-se, esqueçam de que sou sogro do Marechal e digam o que desejam sem rodeios. Antes de tudo: que preferem? Chocolate ou ovos quentes?

— Nem uma coisa nem outra, carissimo almirante. A nossa refeição da manhã, limita-se apenas a uma chicara de café.

— Nesse caso, tomem mais uma.

— Pois bem.

Vieram o café, o chocolate, os ovos quentes e uma dose de vinho de 1810.

Iamos entrar no assumpto quando uma *capenguinha* e *estrabica* loirita entrou esbaforida na sala annunciando que o Marechal desejava falar com s. exa. Fizemos menção de nos retirar, ao que s. exa. obtemperou: Absolutamente, o Marechal os estima e

certo terá satisfação em palestrar com amigos que nos são tão caros.

(Marechal entrando com um maço de *Pirralhos* na mão, colerico).

— Veja, Barão, a audacia deste jornalco.

Ah! Gavroche, quando vimos os *Pirralhos*, sentimos um calefrio por todo o corpo. Felizmente Pindoba, levantando-se exclamou indignado:

— Eu, se fosse o Marechal Hermes, mandaria buscar, vivos ou mortos, os redactores do *Pirralho*!

(Marechal extendendo a mão ao Pindoba).

— Toque nestes ossos. Falarei ao Pinheiro e *consultar-me-ei* com o Herculano.

(Marechal, folheando os jornaes).

— Incrivel! Sitio-phormol — que significa isso, Barão?

(Barão acariciando o cavaignac).

— Infamias, meu genro. Miserias da politica.

(Pindoba intervindo).

— Imprensa negra, Marechal. Despeito da opposição. Fique certo v. exa. que o povo o idolatra, que o povo o carregará em *andor* no dia que v. exa. deixar o governo.

(Marechal, apertando a campainha):

— Petronio, queima esses papeis.

Meu sogro, retiro-me e *previno-te* que almoçarei fora.

(Barão pensativo).

— Está bem. Neste caso, os meus amigos que me vieram solicitar uma entrevista almoçarão commigo.

(Marechal curioso).

— Entrevista? A que respeito?

(Barão chamando-o de parte).

— Querem saber si eu pleitearei a candidatura á Academia de Letras.

(Marechal radiante).

— Pleitearemos. Logo que eu deixar o governo tambem tenciono fazer parte da Academia dos immortaes, embora immortal já *esteja, antes de entrar nella*.

(Pindoba amavel).

— Se me permite um apparte, eu aconselharia o Marechal a disputar a vaga deixada por Heraclito Graça.

(Marechal pilheriando):

— Mas você não acha que é sem graça eu me apresentar candidato?

Depois essa opposição...

(Barão Teffé):

— Lá por isso não. Sou de opinião que você mande imprimir os contos, cujos titulos em bôa hora tiveste a felicidade de escolher: *Banquete* na Ilha das Cobras; festa veneziana a bordo do «Satelite» e Dança macabra no Ceará, que na minha opinião, são tres contos magistraes, sufficientes para te *levar á immortalidade*.

(Marechal abotoando a pijama).

— Vou pedir ao Alcindo que apresse o prefacio.

(Pindoba dirigindo se ao Barão Teffé):

— E v. exa. vae apresentar mais um livro?

(Barão espantado).

— Quem lhes disse?... Vejo que estão bem informados. Vou apresentar um drama em tres actos.

(Pindola medroso).

— E o titulo, podemos saber?

(Barão risonho).

— E porque não? O titulo é um *pouco grande*, mas desejo que todos me conheçam:

«Porque sou sogro do Marechal».

(Pindoba constringido):

— Bellissimo titulo! Sahida da penna de v. exa., essa obra será sem duvida, um verdadeiro monumento da nossa litteratura, sabido como é que v. exa. figura como um padrão de gloria ao lado dos literatos indigenas.

(Barão curvando-se):

— Obrigado, muito obrigado, aos meus amigos. Como reconhecimento prometto escrever um conto para o seu numero de anniversario.

(Pindoba levantando-se).

— V. exa. auctorisa-nos a communicar aos nossos leitores essa grata noticia?

(Barão amavel).

— Perfeitamente.

Retiramo-nos agradecidos e como s. exa. estivesse a praguejar contra os callos, recommendamos-lhe o excelente preparado da Pharmacia Seabra, a milagrosa Calopedina.

Estamos de novo no Rio e esperamos embarcar para Minas, na proxima quarta-feira.

Abraços aos amigos.

PAFUNCIO E PINDOBA.



Gabinete Cirurgico Dentario
ALVARO DE MORAES

CIRURGIÃO DENTISTA

Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

Gabinete com todos os aparelhos electricos os mais modernos e aperfeiçoados. — Especialista em operações sem dor, dentes em chapa, corôas de ouro, pivots, obturações a porcellana. Trabalhos pelo systema Norte-Americano.

Consultas todos os dias
das 8 horas da manhã ás 8 da noite.
Domingos até uma hora da tarde.

RUA LIBERO BADARÓ N. 103

Telephone, 2345

SÃO PAULO



O sr. Barão de Tefé vae pleitear a sua candidatura á Academia de Letras

S. exa. vae mandar um conto inedito para o numero de anniversario do "Pirralho"

Petropolis, sexta-feira.

Chegámos á noitinha. Hospedamos nos no Hotel Rio de Janeiro. Immediatamente telefonamos ao amavel sogro do marechal, solicitando uma audiencia. S. exa. com a sua tradicional affabilidade promptificouse a nos satisfazer o desejo, sob a condição de não relatarmos aos nossos leitores o transumpto da entrevista.

A's primeiras horas da manhã de sabbado apressamo-nos em tomar um carro que nos levasse ao Palacio Rio Negro.

Chegamos justamente na occasião em que o Barão Tefé sahia do banho. S. exa. vestindo pijama, dos tempos imperiaes, tendo á altura do peito as armas da monarchia, vinha tresandando a sabão da Costa.

Mal nos avistou, s. exa. num gesto de requintada pudicicia, compoz a gola do seu dolman e nos extendendo a mão declarou: — Acabo de sahir do banho e assim á *la diable* os recebo.

— Sentem-se, esqueçam de que sou sogro do Marechal e digam o que desejam sem rodeios. Antes de tudo: que preferem? Chocolate ou ovos quentes?

— Nem uma coisa nem outra, carissimo almirante. A nossa refeição da manhã, limita-se apenas a uma chicara de café.

— Nesse caso, tomem mais uma.

— Pois bem.

Vieram o café, o chocolate, os ovos quentes e uma dose de vinho de 1810.

Iamos entrar no assumpto quando uma *capenguinha* e *estrabica* loirita entrou esbaforida na sala annunciando que o Marechal desejava falar com s. exa. Fizemos menção de nos retirar, ao que s. exa. obtemperou: Absolutamente, o Marechal os estima e



certo terá satisfação em palestrar com amigos que nos são tão caros.

(Marechal entrando com um maço de *Pirralhos* na mão, colerico).

— Veja, Barão, a audacia deste jornalista.

Ah! Gavroche, quando vimos os *Pirralhos*, sentimos um calefrio por todo o corpo. Felizmente Pindoba, levantando-se exclamou indignado:

— Eu, se fosse o Marechal Hermes, mandaria buscar, vivos ou mortos, os redactores do *Pirralho*!

(Marechal extendendo a mão ao Pindoba).

— Toque nestes ossos. Falarei ao Pinheiro e *consultar-me-ei* com o Herculano.

(Marechal, folheando os jornaes).

— Incrível! Sitio-phormol — que significa isso, Barão?

(Barão acariciando o cavaignac).

— Infamias, meu genro. Miserias da politica.

(Pindoba intervindo).

— Imprensa negra, Marechal. Despeito da opposição. Fique certo v. exa. que o povo o idolatra, que o povo o carregará em *andor* no dia que v. exa. deixar o governo.

(Marechal, apertando a campainha):

— Petronio, queima esses papeis.

Meu sogro, retiro-me e *previno-te* que almoçarei fora.

(Barão pensativo).

— Está bem. Neste caso, os meus amigos que me vieram solicitar uma entrevista almoçarão commigo.

(Marechal curioso).

— Entrevista? A que respeito?

(Barão chamando-o de parte).

— Querem saber si eu pleitearei a candidatura á Academia de Lettras.

(Marechal radiante).

— Pleitearemos. Logo que eu deixar o governo tambem tenciono fazer parte da Academia dos immortaes, embora immortal já *esteja, antes de entrar nella*.

(Pindoba amavel).

— Se me permite um apparte, eu aconselharia o Marechal a disputar a vaga deixada por Heraclito Graça.

(Marechal pilheriando):

— Mas você não acha que é sem graça eu me apresentar candidato?

Depois essa opposição...

(Barão Tefé):

— Lá por isso não. Sou de opinião que você mande imprimir os contos, cujos titulos em bôa hora tiveste a felicidade de escolher: *Banquete* na Ilha das Cobras; festa veneziana a bordo do «Satelite» e Dança macabra no Ceará, que na minha opinião, são tres contos magistraes, suficientes para te *levar* á immortalidade.

(Marechal abotoando a pijama).

— Vou pedir ao Alcindo que apresse o prefacio.

(Pindoba dirigindo se ao Barão Tefé):

— E v. exa. vae apresentar mais um livro?

(Barão espantado).

— Quem lhes disse?... Vejo que estão bem informados. Vou apresentar um drama em tres actos.

(Pindola medroso).

— E o titulo, podemos saber?

(Barão risonho).

— E porque não? O titulo é um *pouco grande*, mas desejo que todos me conheçam:

«Porque sou sogro do Marechal».

(Pindoba constringido):

— Bellissimo titulo! Sahida da penna de v. exa., essa obra será sem duvida, um verdadeiro monumento da nossa litteratura, sabido como é que v. exa. figura como um padrão de gloria ao lado dos literatos indigenas.

(Barão curvando-se):

— Obrigado, muito obrigado, aos meus amigos. Como reconhecimento prometto escrever um conto para o seu numero de anniversario.

(Pindoba levantando-se).

— V. exa. auctorisa-nos a communicar aos nossos leitores essa grata noticia?

(Barão amavel).

— Perfeitamente.

Retiramo-nos agradecidos e como s. exa. estivesse a praguejar contra os callos, recommendamos-lhe o excelente preparado da Pharmacia Seabra, a milagrosa Calopedina.

Estamos de novo no Rio e esperamos embarcar para Minas, na proxima quarta-feira.

Abraços aos amigos.

PAFUNCIO E PINDOBA.



Gabinete Cirurgico Dentario
ALVARO DE MORAES
CIRURGIÃO DENTISTA

Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

Gabinete com todos os aparelhos electricos
os mais modernos e aperfeiçoados. — Especialis-
ta em operações sem dor, dentes em chapa,
corôas de ouro, pivots, obturações a porcellana.
Trabalhos pelo systema Norte-Americano.

Consultas todos os dias
das 8 horas da manhã ás 8 da noite.
Domingos até uma hora da tarde.

RUA LIBERO BADARÓ N. 103

Telephone, 2345

SÃO PAULO



Deposito: **SALÃO INGLEZ**
SALVADOR BRUNO

Ladeira São João, 1 -- Caixa postal, 1206